

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: Jornal do Brasil

Class.: 16

W. Guajá

Data: 25/05/80

Pg.: 24

Antropólogo adverte Funai para extermínio de guajás por fome, doença e tiros

São Luís — "Se os 27 índios guajás do Igarapé Timbira, em Santa Luzia, e os pequenos grupos das regiões de Arame e Buriticupu não forem transferidos para a reserva Caru, no Município de Bom Jardim, onde terão melhores condições de vida, serão, em pouco tempo, exterminados por doenças, fome, expulsão de suas terras ou nas mãos de pistoleiros".

A advertência, feita ontem, é do antropólogo Mércio Pereira Gomes, em relatório encaminhado ao Departamento Geral de Planejamento Comunitário da Funai, em Brasília, à Delegacia Regional do Maranhão, e às Comissões Pró-Índio em vários Estados. O antropólogo, que integrou a equipe da Funai responsável pelo contato, em abril, desse grupo de 27 guajás, nas matas de Santa Luzia, diz que restam 40 índios de uma população de 300.

EXTINÇÃO

Segundo o Sr Mércio Gomes, os guajás são a última nação exclusivamente caçadora-coletores do país. Perdeu a prática da agricultura há uns 300 anos, "devido às pressões causadas pela expansão luso-brasileira no seu território original — os vales dos rios Gurupi, Guarná e Capim". Sua língua é da família tupi-guarani.

Nos últimos 30 anos, explicou, perderam grande parte do território, dividiram-se em grupos que se espalharam pelo Maranhão. Até os anos 50, a população guajá se expandiu, mesmo sofrendo ataques dos urubukaapor e tenetehara, nos vales dos rios Turiaçu e Pindaré e dos primeiros colonos que chegaram em suas terras.

"Mas de 1970 para cá", acrescentou, "começou o grande declínio populacional do grupo, provocado pelos contatos com caçadores e agricultores, que transmitiram gripe e raptaram suas mulheres e filhos".

PRIMEIROS CONTATOS

Em 1970, continua o antropólogo, foram formados dois grandes grupos guajá: um ao longo do rio Pindaré e outro no seu afluente, o Caru. Em 1973, a antropóloga Valéria Parise, então trabalhando para a 6ª Delegacia Regional da Funai, iniciou contatos com pequenos grupos Guajá nos povoados que surgiram no Pindaré e Caru. "Não era mais que um projeto de resgate de sobreviventes. De lá ela chegou a transladar nove índios, cinco dos quais crianças cujos pais haviam morrido em São Luís ou no posto indígena Pindaré, devido a infecções intestinais e pulmonares. Em março deste mesmo ano, Parise contactava 17 guajá no alto rio Turiaçu, numa área transformada mais tarde em reserva indígena".

A partir de 1974, contou o Sr Mércio Gomes, equipes da Funai fizeram novos contatos e dois anos depois, um funcionário lotado na frente da atração Guajá estimava em 91 o total desses índios. "Hoje, nessa frente, restam 29 deles, sendo que três são crianças que vieram do rio Caru e mais da metade tem menos de 10 anos. Entre eles, não há uma pessoa com mais de 40 anos, nem ninguém é avô, isto é, é um grupo formado por apenas duas gerações". Segundo o antropólogo, os 80 índios que viviam na região do Caru perderam contato com os do rio Turiaçu, por força de uma medida que dividiu essa área indígena em duas reservas separadas. A administração da 6ª Delegacia Regional da Funai, em 1977, cabe o peso da morte de cerca de 50 guajás, por causa dessa divisão. "A margem direita do rio Pindaré, foram localizados três pequenos grupos de guajá com cerca de 100 índios, assim distribuídos: 35 do Igarapé Timbira, 35 de Buriticupu, e 30 de Arame.

"Em contínuas fugas causadas pela formação de fazendas na região, o grupo de Buriticupu, contactado em 1975, foi parar no Município de Porto Franco, onde sofreu a perseguição de capangas e fazendeiros. Nessa época, morreram a tiros mais de uma dezena deles. A Funai tentou novos contatos inútilmente, não restando dúvidas da existência de sobreviventes desse grupo vivendo em condições precárias".

O grupo de Arame, atesta o Sr Mércio, sofre idênticas perseguições. Sabe-se de sua presença em Amarante. Nos cálculos do antropólogo, não devem passar de 15 índios.

DOENÇAS

Dizimados por doenças infecciosas, os guajás do Igarapé Timbira sofreram o impacto dos povoamentos na região: "Com o desmatamento feito para o plantio de legumes e formação de pastos, a mata desses índios diminuiu, e o que resta hoje é uma pequena área, aparentemente já comprada por um grupo agropecuário conhecido como o pessoal do "Dr Ademar". Essa área é explorada também pelos pequenos lavradores e posseiros que fazem roças. Os cocais de babaçu foram derrubados ou adquiridos por outras fazendas, como a Cacique".

Diante dessas circunstâncias, esses guajás tiveram que se aproximar dos civilizados que caçam em sua área e destroem suas roças. Depois de algumas visitas a povoados em Santa Luzia, os guajás do Igarapé Timbira, finalmente, foram contactados por uma equipe da Funai, este ano, da qual participou o antropólogo Mércio Pereira Gomes.

"A área em que se encontram os 27 índios recém-contactados, uma das mais disputadas atualmente no Maranhão, por posseiros, pequenos proprietários, grileiros e grandes empresas agropecuárias. Esses índios, recentemente, sofreram um ataque de espingarda, quando apanhavam coco em um babaçu", disse o antropólogo.